



Director literario:

*Alcides de Sousa*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Luís de Almeida*  
PAPUSSE

# FORMATURAS

(Desenhos de EDUARDO MALTA)



Anacleto Bonifácio,  
negação para o negócio,  
gostava de ler Horácio,  
durante o seu tempo d'ócio.



Era o nosso latinista,  
dono da sapataria,  
que não figura na lista,  
Bonifácio & Companhia.

Não só de Horácio gostava  
como também de Virgílio;  
ao invés do seu Emílio:  
—um filho de Bonifácio.



Vendo que Emílio — um vadio —  
era um grande mandrião,  
Anacleto decidiu  
ir pôr o filho ao ba'cão.



E assim, com acerto e tino,  
os seus papéis inverteu:  
pouco na loja o menino  
e indo ele p'ró liceu.

Passados tempos, no Porto,  
todos diziam: —bem feito;  
o pai formou-se em direito  
e o filho formou-se em tórto!>



# PALAVRAS CRUZADAS

## E ADIVINHA

Onde está a boneca da Mimi?

A solução vem no próximo número.



### PRIMEIRA FOLHA

#### HORISONTAIS:

1, Consoante e irmão. — 2, Estimam e consoante. — 3, Consoante, adverbio e consoante. — 4, Vogal, consoante e mulher pequena. — 5, Mercas. — 6, Ruim, Interjeição, consoante e vogal. — 7, Teem todas as aves, vogal e o que há no espaço. — 8, Adverbio, consoante e vive nos tanques. — 9, Vogal, o que tendes à vista e perversa. — 10, — Adverbio, vogal e vogal no plural. — 11, Sem êle não ha vida, mistura. — 12, Ama. — 13, 2.<sup>a</sup> letra do alfabeto, vogal no plural e ordem do governo.

#### VERTICAIS:

1, Ha pouco, mala pequena e consoante. — 2, Consoante, habitação e acidente. — 3, Coxo, vogal, ha na estrada e vogal. — 4, Creada de creanças, ruim, nota musical e tomai posse (duma herança). — 5, Consoante, vogal, a fala dos pintos e carinhos. — 6, Artigo, faz falta a todos, ponto e acidente. — 7, Andar na água e o que ha na água do mar. — 8, O que teem os carneiros, pernadas e vogal. — 9, Vogal teem as aves e vogal.

### SEGUNDA FOLHA

#### HORISONTAIS:

1, Vê e caminhar. — 2, Verbo ser e desconto entre os pêsos líquidos e bruto. — 3, Consoante, pronome e consoante. — 4, Acidente e casa de visitar. — 5, Dente, verbo ser e vogal. — 6, Preposição e greda branca. — 7, O contrario de pouco e consoante. — 8, Consoante, consoante e tosta. — 9, O que todos querem ser. — 10, Ha nas estradas, como algumas pessoas dizem, não é consoante. — 11, Duas letras de amar consoante e dente. — 12, Consoante e querido.

#### VERTICAIS:

1, Verbo ser, consoante e casal. — 2, Artigo, devoram e o que todos gostam de ser. — 3, Consoante, consoante, paredes e vogal. — 4, Consoante, vogal, verbo ser, vogal, consoante e consoante. — 5, Lignes e peixe. — 6, Vogal, vogal, terra ao pé do mar e conseante. — 7, Caminhar, casa, isolado e dente. — 8, Pipo, pronome e único.

## Rectificação

A poesia publicada no número passado «Bébé Dorminhoco», é da auctoria da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Beatriz Franco e não D. Beatriz Branco como por engano veio, do que pedimos desculpa à auctora.



TIPOS LISBOETAS

# O AMOLADOR

FOR

Por Graciette Branco e Augusto de Santa-Rita

Ei-lo:—lá vai com sua traquitana  
como um brinquedo enorme,  
Mal descansa, mal dorme  
em sua faina insana.

Sopra uma gaita.  
Aos ares  
sobe o pregão  
de entoação serigaita:

—«Deita gatos  
em pratos,  
bacias e alguidares.»

Tem um ar  
que faz pena...  
E a melena  
caída sôbre a testa,  
empresta  
ao seu olhar  
uma sombra funesta  
pela tarde viúva  
e uma graça serena...

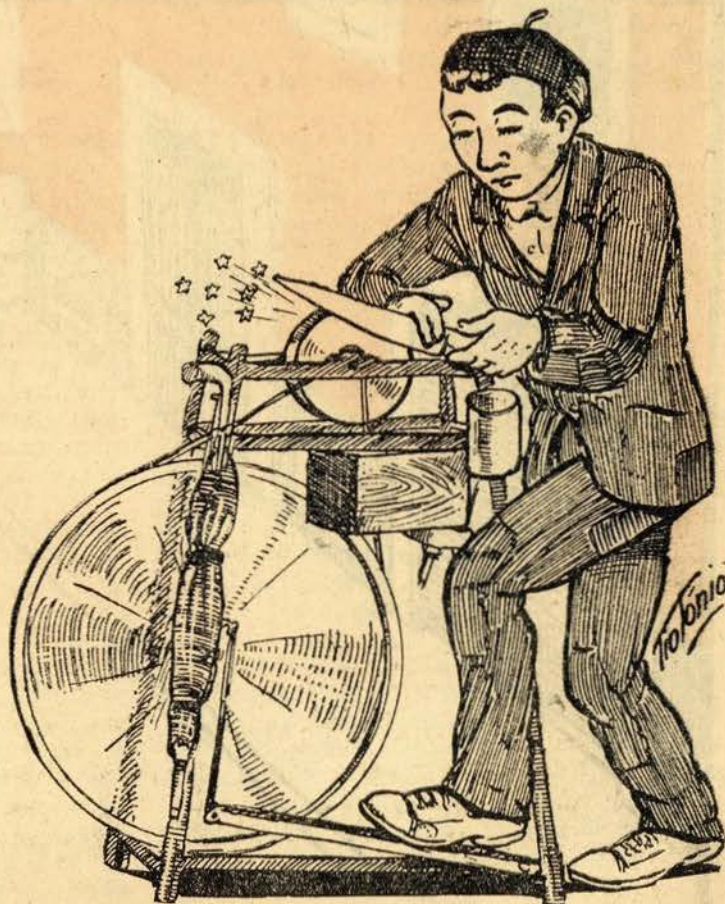
— «Deita gatos  
em pratos...  
concerta chapéus de chuva...»

Redopía, anda,  
ciranda,  
gira a pedra de esmeril  
ao impulso do pedal  
que faz dar voltas às mil  
à rodinha principal,

Despede a roda scentelhas,  
como um enxame de abelhas  
e dentre a luzente chama  
que irrompe em louras  
poalhas,  
o pregão, de novo, clama:

—«Amola facas, tesouras,  
canivetes e navalhas!»

■ F I M ■





# A SEITA MISTERIOSA

Por MANUEL J. LOPES NEVES ■ ■ Desenhos de EDUARDO MALTA



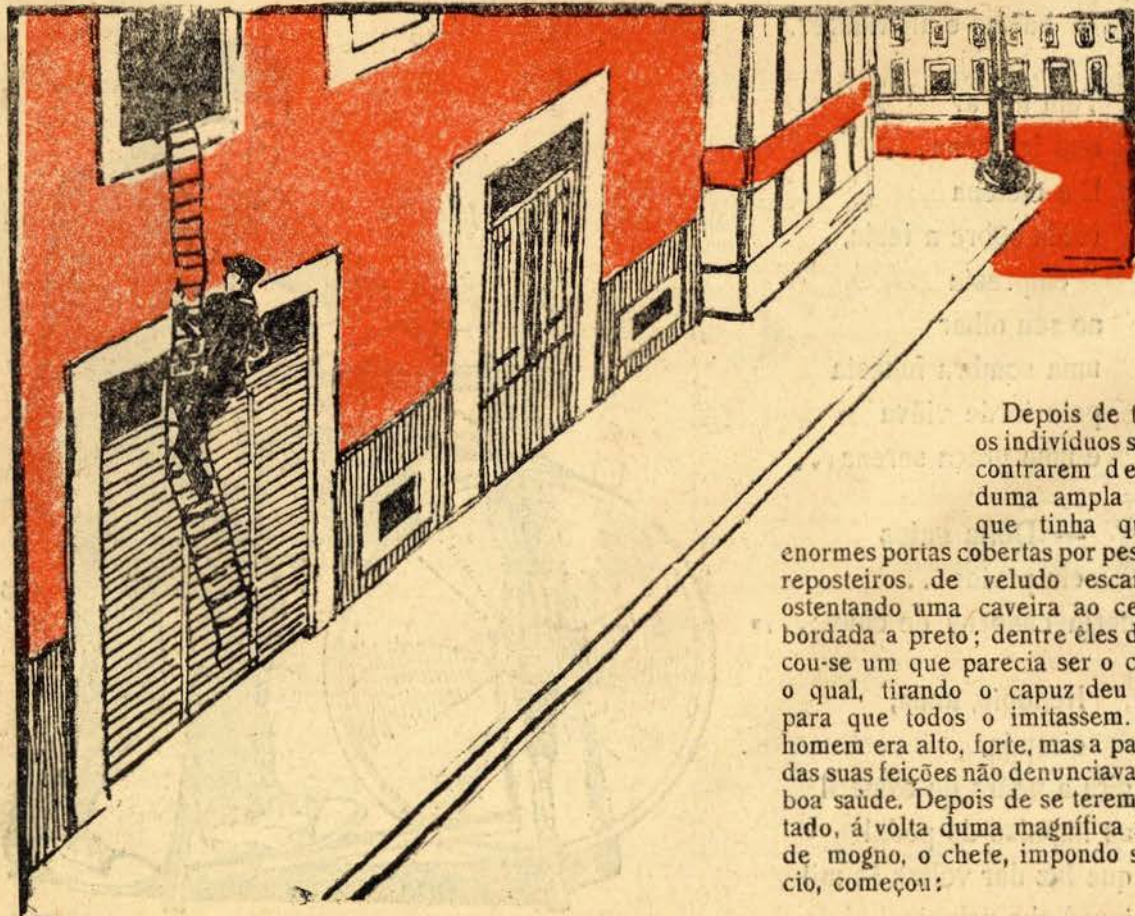
INHA acabado de soar a última badalada da meia noite, num dos mais duvidosos bairros de New-York, quando no meio do silencio quasi completo se ouviram dois estridentes assobios, e, no mesmo instante, como que por encanto, surgiram por uma travessa numerosas figu-

ras vestidas com amplas capas vermelhas, as quais tinham grandes capuzes que cobriam toda a cabeça dos misteriosos personagens. Dir-se-iam ser alguns membros da seita Klu-Klux-Klan? Não o sei; o que sei é que êsses misteriosos personagens se encaminharam para um dos maiores edificios que circundavam a extensa praça onde se desenrolavam êstes acontecimentos. Chegados á porta principal, carregaram num secreto botão, occulto por uns graciosos arabescos, e a porta abriu-se, dando passagem a todos os personagens, e fechando-se em seguida.

Assim que a porta se fechou appareceu a uma esquina um rapaz novo, impecavelmente vestido de preto. Esse rapaz encaminhou-se para o referido prédio e começou sondando-o como se quizesse encontrar sitio favoravel para nêle penetrar. Por fim encontrou uma janela do primeiro andar que talvez por esquecimento tinha ficado aberta e içou para lá uma pequena escada de corda que trazia consigo. Depois de se certificar que ninguém tinha examinado o seu audacioso gesto, resolveu-se a entrar.

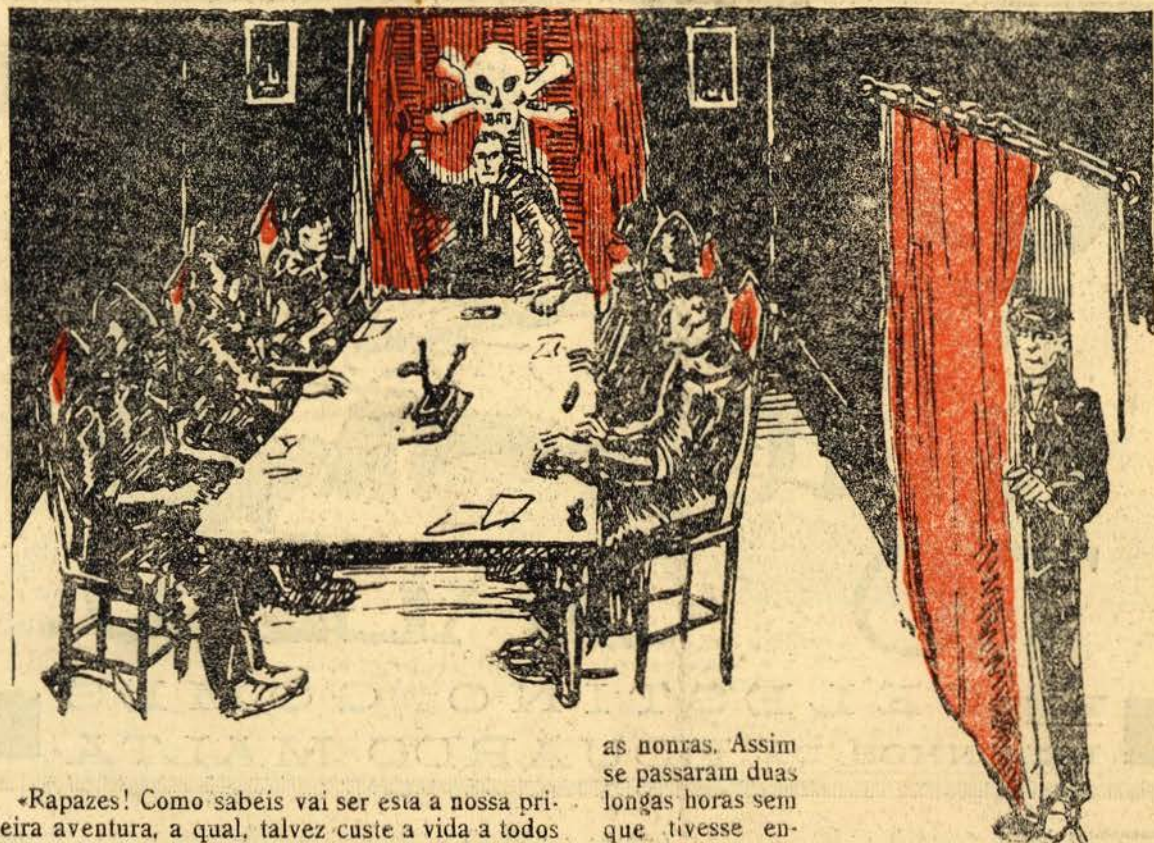
\* \* \*

Este rapaz era um agente secreto da policia inglesa de serviço em New-York, que, além de contar apenas 24 anos, tinha um nome já notavel em toda a America. Chamava-se Tony Walter, familiarmente conhecido entre os camaradas da corporação pelo «Terror dos bandidos». Orfão de pai desde a idade de 7 anos, tinha sido criado por sua mãe á custa de enormes sacrificios e era agora o único amparo da velhinha.



Depois de todos os individuos se encontrarem dentro duma ampla sala, que tinha quatro enormes portas cobertas por pesados reposteiros de veludo escarlata, ostentando uma caveira ao centro, bordada a preto; dentre êles destacou-se um que parecia ser o chefe, o qual, tirando o capuz deu sinal para que todos o imitassem. Este homem era alto, forte, mas a palidez das suas feições não denunciava uma boa saúde. Depois de se terem sentado, á volta duma magnífica mesa de mogno, o chefe, impondo silencio, começou:





«Rapazes! Como sabeis vai ser esta a nossa primeira aventura, a qual, talvez custe a vida a todos nós; mas, se pensarmos nisto, também devemos pensar que caso a sorte nos favoreça, poderemos desde esse dia em vez de sermos mandados, mandarmos. Pensando bem, talvez o caso não seja tão difícil como parece. O mais importante, por enquanto, é apoderarmo-nos do Canadá, para depois vermos o que mais nos convirá fazer. Mas, objecto um dos presentes, a Inglaterra ficará assim sem esse estado e não dirá nada? Pode dizer e fazer o que quiser, disse o chefe, pois que, acho eu, os nossos homens espalhados por emquanto por toda a América, mas brevemente por todo o mundo, não deverão servir só para vista; demais continuou, quem tiver medo que saia da nossa associação, mas, somente depois de cá lhe ter ficado a língua, pois que, uma vez sabidas as nossas intenções, antes de estarmos convenientemente preparados, seria o nosso extermínio completo e a nossa morte. E, enquanto proferia estas palavras levava a mão a um punhal em sinal de ameaça.

Ouvindo tudo isto, estava Tony, comodamente instalado por detrás dum dos reposteiros e tomando nota de todas as palavras que ouvia. Depois, como eles comessem bebendo e jogando em grande animação, Tony, aproveitando o ensejo, tirou do bolso o seu inseparável cachimbo e começou fumando com todas as precauções, esperando pacientemente a ocasião de se poder ir embora, pois não podia sair por onde entrara porque um dos bandidos tinha ido fechar a janela, a qual fazia muito barulho a abrir. Tony queria voltar, no dia seguinte, pronto para a luta, pois apenas trazia consigo um revolver, e queria ele só subjugar toda a seita, para que só a ele coubessem todas

as nonras. Assim se passaram duas longas horas sem que tivesse ensejo de se escapar, pois que eles continuavam bebendo e jogando animadamente. Tornando a acender o cachimbo, pela 4.ª vez, já um pouco impaciente, não teve as devidas precauções e, sem querer, pegou fogo ao reposteiro, o qual logo se incendiou, pegando também fogo à porta que começou a arder com grande crepitar. Como que impelidos por uma mola todos se levantaram e levaram instintivamente as mãos aos revólveres. Então, Tony um pouco atordoado com o fumo e com o calor, aproveitou a confusão e tentou escapar-se, mas, com tão pouca sorte o fez que foi visto e, imediatamente, se estabeleceu um vivo tiroteio. Tony conseguiu comtudo matar e ferir alguns dos seus adversários, mas, por fim, ferido e cansado, deixou-se prender. Então amararam-no com sólidas cordas, e, como o incêndio não permitisse mais a permanência ali, levaram-no para a sua associação, onde tencionavam supliciá-lo. Ao chegarem lá, também aí chegava uma brigada de polícia, atraída pelo tiroteio, a qual deu voz de prisão a todos, conduzindo-os para o posto de polícia mais próximo, a fim de serem devidamente identificados. Foi aí que Tony contou a sua aventura, vindo-se a saber que os bandidos eram quasi todos ingleses, condenados pelos tribunais. O chefe era um perigoso gatuno condenado pelos tribunais de Londres a desterro perpétuo e era, talvez, por isso que votava um tal ódio á Inglaterra. Os bandidos foram entregues á justiça inglesa, sendo Tony condecorado e indo residir para Londres com sua mãe, onde ficou ao serviço da polícia como principal detective, esperando os bandidos na cadeia a hora de se sentarem na cadeira electrica.



# GAFANHOTO SALTÃO



POR CELESTINO GOMES  
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

**H**

AVIA  
um dia,  
—era uma vez—  
um maroto  
bichinho  
português;  
um gafanhoto  
gafanhoto  
gafanhão  
saltão  
campeão  
de lança  
em saltos  
altos  
e em extensão,  
com balanço  
ou não.

No seu enxame,  
(sem vexame)  
nenhum exame  
fez.  
Era um insecto  
muito correcto,  
como qualquer insecto  
português,  
um maltês  
analfabeto.

E o gafanhoto  
gafanhoto  
gafanhão,

(cruzes, canhoto!)  
quiz ser piloto  
da aviação.  
Pois já não  
era  
campeão,  
(pudéra!)  
de saltos  
altos  
e em extensão?  
Não vale mais  
que os dotes bons  
de tantos,  
dêsses tais  
Santos  
Dumonts?

Aos saltos  
altos  
nos riachos  
baixos,  
de cá  
p'ra lá  
começa  
à pressa:  
cai à maré,  
falta-lhe o pé,  
quebra a cabeça.

Tal tolice,  
quem  
te disse?

Ninguém,  
maroto  
gafanhoto  
gafanhoto  
gafanhão  
ir sem  
descanço,  
além  
dos saltos  
altos  
e em extensão  
com balanço  
ou não?  
Querer  
ser  
piloto  
da aviação?

Porque preferem  
não fazer  
uso  
do parafuso,  
fuso  
obtusos  
da razão?  
Depois não  
querem  
(imprevidentes!)  
que haja acidentes  
na aviação!

1928.

F I M



# HORA DO RECREIO

## UM VAPOR

POR TIO-TÓNIO

Engenheiros de bibe e calção!  
Aqui está o que já muitos teem sonhado fazer.

Um navio para as guerras de soldados, ao alcance do material do estaleiro de qualquer ieitor.

**MATERIAIS:**

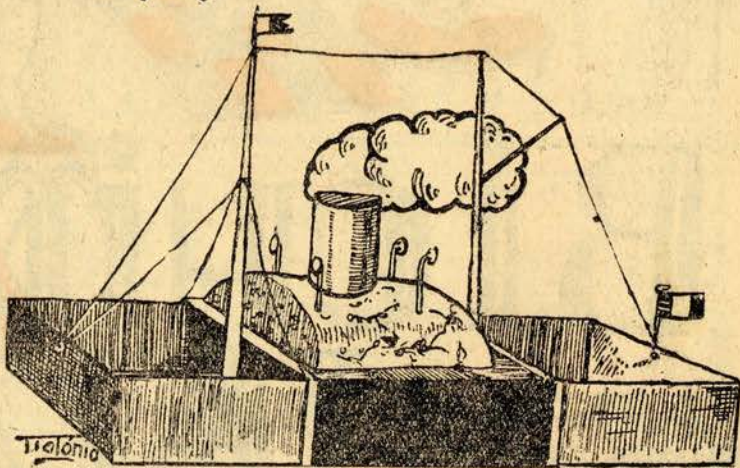
- Duas caixas de fosforos e uma tampa.
- Meia rolha de cortiça.
- 2 palitos.
- 5 alfinetes.
- Um taco de pau da grossura de um lápis.
- Linhas e papel de seda.

**OBSERVAÇÃO:**

Para evitar que o papel da caixa se desfaça em contacto com a água, devem embebê-lo de uma camada de setearina, o que se fará derretendo qualquer couro de vela.

Serão então muito interessantes os combates navais, empregando uns canhões de cana que atiram pedrinhas e ervilhas sêcas, que decerto todos sabem fazer.

Os mesmos canhões podem atacar as fortalezas de areia



ou terra fina, reduzindo-as a estilhas e soterrando os soldados de cartão...

**BREVEMENTE:** Ensinarei como se devem dispôr os soldados de cartão, para uma guerra em que podem entrar tanks, artilharia, trincheiras, fortalezas etc.

TIO-TÓNIO

Rua do Século, n.º 43  
LISBOA

## PARA OS MENINOS COLORIREM







# BICHINHO JAZZ

... FOR ...  
CELESTINO GOMES

Desenho de  
E. MALTA

Dos senhores,  
— os meninos —  
maiores,  
mais pequeninos,  
(todos,  
em suma)  
Pelos modos  
que não sabe  
ninguém  
que há uma  
orquestra grande  
que cabe  
na gaiola  
duma  
rola,  
e tem  
por nome esta frase:  
*bichinho melody jazz  
band?*

Pois é certo:  
e tem  
perlo  
de cem  
figuras  
que tocam  
em concerto  
às alturas,  
muito bem  
e não tocam  
às escuras,  
pois sa aram,  
contrataram  
pelos campos,  
muita gente,  
para a luz  
incandescente,  
da de vistas  
e de truz,  
uns pirilampos  
fadistas,  
luzincos  
electricistas.  
A rela,  
bela  
mos carda

fagarela  
em barda,  
e aquela  
que luza  
essa farda  
obtuza  
da bluzza  
amarela  
de flanela  
parda  
e é  
com a boca  
que toca  
aquilo  
que faz,  
*rê... rê...  
rê... rê...*

É o grilo  
é  
êsse  
rapas  
loquas  
(e nem  
parece)  
bem  
em  
deslaque,  
correcto  
insecto  
de fraque  
prelo,  
e sopra ai,  
sem  
paramento  
um instrumento,  
que traz  
nas abas de lras  
do fraque,  
— da labi'a,  
e faz  
aquela coisa bonita  
que deixa tudo  
mudo,  
bastaque:  
*gri... gri...  
gri... gri...*

A senhora  
ran  
pimpan  
que é  
nadadora  
do *maillot* verde,  
verde bonê,  
da verde  
calça,  
da verde  
bota,  
não perde  
o passo  
nem o compasso,  
nem boja  
nota  
canhota  
ou fa'lsa,  
na valsa  
ou *charleston*  
ai está  
no *klakston*  
*krrrã... krrrã...*

Nesta  
algazarra  
de festa,  
há ainda  
a linda  
fatal  
cigarra  
da tal  
guilarra  
bonita,  
a cigarrila  
que ranje o banjo.

Besoiro  
leiro,  
de riso  
moiro,  
guizo  
e trombone...

... e agora adivinhem só  
quem é que no megafone,  
grita: *Có-có-ró-có-có.*